



FOLHA DOMINICAL

Domingo II do Tempo Comum

Primeira Leitura (Is 62, 1-5)

Por amor de Sião não me calarei, por amor de Jerusalém não terei repouso, enquanto a sua justiça não despontar como a aurora e a sua salvação não resplandecer como facho ardente. Os povos hão de ver a tua justiça e todos os reis a tua glória. Receberás um nome novo, que a boca do Senhor designará. Serás coroa esplendorosa nas mãos do Senhor, diadema real nas mãos do teu Deus. Não mais te chamarão «Abandonada», nem à tua terra «Deserta», mas hão de chamar-te «Predilecta» e à tua terra «Desposada», porque serás a predilecta do Senhor e a tua terra terá um esposo. Tal como o jovem desposa uma virgem, o teu Construtor te desposará; e como a esposa é a alegria do marido, tu serás a alegria do teu Deus.

A primeira leitura trata-se de um discurso profético autorreferencial, situado num contexto de inquietação pelo não cumprimento das promessas sobre Jerusalém e pela necessidade de fortalecer a fé do povo. O profeta declara a sua intenção de continuar a pregar e a rezar a favor de Jerusalém. A condição futura da cidade é descrita com metáforas típicas do profetismo. O discurso alterna entre aspetos éticos e escatológicos, com a ideia de que as nações estrangeiras contemplarão a glória de Deus. A imagem predominante para representar a salvação é um cenário cheio de luz, evocado através da chegada da aurora e da presença de tochas. A aquisição de um novo nome implica uma nova condição. A imagem de Jerusalém como coroa ou diadema para o seu Deus pressupõe o reconhecimento do seu reinado. É precisamente esta realeza de Deus que se canta no salmo, um hino festivo proclamado em sua honra. O salmista convida o povo ao louvor e, num segundo momento, numa abertura universalista, a sua convocação dirige-se a todas as nações. Para além deste apelo, pede também que se conte e proclame, algo mais típico do anúncio e da missão. Evita-se mencionar explicitamente Sião ou Israel, mas presume-se que são eles os encarregados de o realizar. O salmo destaca a imagem de um governo divino, sereno e universal. Os momentos dramáticos de luta são apagados, embora permaneçam em algumas das suas imagens, como a de uma vitória que foi alcançada.

Segunda Leitura (1 Cor 12, 4-11)

Irmãos: Há diversidade de dons espirituais, mas o Espírito é o mesmo. Há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Em cada um se manifestam os dons do Espírito para o bem comum. A um o Espírito dá a mensagem da sabedoria,

a outro a mensagem da ciência, segundo o mesmo Espírito. É um só e o mesmo Espírito que dá a um o dom da fé, a outro o poder de curar; a um dá o poder de fazer milagres, a outro o de falar em nome de Deus; a um dá o discernimento dos espíritos, a outro o de falar diversas línguas, a outro o dom de as interpretar. Mas é um só e o mesmo Espírito que faz tudo isto, distribuindo os dons a cada um conforme Lhe agrada.

O texto faz parte da resposta de Paulo a uma consulta dos coríntios sobre os dons do Espírito (12,1). As palavras do apóstolo revelam a existência de uma competitividade à volta deste tema, que estava a prejudicar a comunidade. O objetivo de Paulo é enfrentar as pretensões de exclusividade carismática e espiritual de alguns membros. Partindo desta situação, insiste na origem comum dos carismas para destacar a sua unidade, ao mesmo tempo que reconhece a diversidade das suas manifestações, uma diversidade que considera necessária. Esta polaridade entre unidade e diversidade é o tema central desta segunda leitura. A tripla referência ao Espírito, ao Senhor e a Deus como origem dos carismas sublinha a unidade. No entanto, os dons são diversos, como indicado na lista enumerada. Trata-se de uma lista genérica, sem a intenção de ser exaustiva, semelhante às que aparecem noutras cartas, como Romanos (12,6-8) e Efésios (4,11). Estas listas refletem a presença ativa do Espírito em cada crente e a forma como essa presença se manifesta de diferentes maneiras. Além disso, Paulo destaca a finalidade de qualquer dom: o bem comum. A dimensão comunitária é considerada essencial para a existência e o exercício dos carismas. A frase final recorda que o Espírito é quem dá e opera os dons: qualquer atitude de superioridade ou orgulho está, assim, excluída. A ação do Espírito é livre e soberana, e a diversidade dos dons é atribuída ao Espírito, não ao mérito dos beneficiários.

Evangelho (Jo 2, 1-11)

Naquele tempo, realizou-se um casamento em Caná da Galileia e estava lá a Mãe de Jesus. Jesus e os seus discípulos foram também convidados para o casamento. A certa altura faltou o vinho. Então a Mãe de Jesus disse-Lhe: «Não têm vinho». Jesus respondeu-Lhe: «Mulher, que temos nós com isso? Ainda não chegou a minha hora». Sua Mãe disse aos serventes: «Fazei tudo o que Ele vos disser». Havia ali seis talhas de pedra, destinadas à purificação dos judeus, levando cada uma de duas a três medidas. Disse-lhes Jesus: «Enchei essas talhas de água». Eles encheram-nas até acima. Depois disse-lhes: «Tirai agora e levai ao chefe de mesa». E eles levaram. Quando o chefe de mesa provou a água transformada em vinho, – ele não sabia de onde viera, pois só os serventes, que tinham tirado a água, sabiam – chamou o noivo e disse-lhe: «Toda a gente serve primeiro o vinho bom e, depois de os convidados terem bebido bem, serve o inferior. Mas tu guardaste o vinho bom até agora». Foi assim que, em Caná da Galileia, Jesus deu início aos seus milagres. Manifestou a sua glória e os discípulos acreditaram n'Ele.

O milagre das bodas de Caná marca o início da atividade pública de Jesus no evangelho de João. Trata-se de um sinal programático que revela o sentido de toda a sua missão. Uma das características do episódio é a presença da mãe de Jesus, que aparece apenas aqui e no final do evangelho, na cena ao pé da cruz (19,25-27). Esta inclusão liga profundamente ambas as cenas e oferece uma chave hermenêutica para as interpretar: a cruz é o horizonte que permite uma compreensão adequada do sinal de Caná, e, inversamente, Caná dá conteúdo à cruz. A cena insere-se no gênero literário do «milagre de doação», caracterizado por uma situação de carência ou negatividade da qual surge uma nova realidade de sobreabundância. Na tradição veterotestamentária, os motivos do casamento e da abundância de vinho remetem para o fim dos tempos e para a chegada do Messias. O versículo final fornece a interpretação teológica do milagre, salientando a única perspectiva em que faz sentido: o mais importante é que, por meio dele, a glória de Jesus foi revelada. Qualquer interpretação que se desvie deste foco afasta-se do essencial. A descrição da glória de Jesus é feita através de uma linguagem metafórica que realça três características: é um dom de vida em plenitude, permanece oculta ao mundo e orienta-se para a cruz, onde alcança a sua forma definitiva.

Deus nas letras humanas

Não é bastante ter ouvidos para ouvir o que é dito; é preciso também que haja silêncio dentro da alma. Tenho um velho amigo, Jovelino, que se mudou para os Estados Unidos, contou-me de sua experiência com os índios: reunidos os participantes, ninguém fala. Há um longo, longo silêncio. Todos em silêncio, à espera do pensamento essencial. Aí, de repente, alguém fala. Curto. Todos ouvem. Terminada a fala, novo silêncio.

(Os pianistas, antes de iniciar o concerto, diante do piano, ficam sentados em silêncio, [...]. Abrindo vazios de silêncio. Expulsando todas as ideias estranhas.).

Não basta o silêncio de fora. É preciso silêncio dentro. Ausência de pensamentos. E aí, quando se faz o silêncio dentro, a gente começa a ouvir coisas que não ouvia. Eu comecei a ouvir.

Fernando Pessoa conhecia a experiência, e se referia a algo que se ouve nos interstícios das palavras, no lugar onde não há palavras.

A música acontece no silêncio. A alma é uma catedral submersa. No fundo do mar – quem faz mergulho sabe – a boca fica fechada. Somos todos olhos e ouvidos. Aí,

livres dos ruídos do falatório e dos saberes da filosofia, ouvimos a melodia que não havia, que de tão linda nos faz chorar.

Para mim, Deus é isto: a beleza que se ouve no silêncio. Daí a importância de saber ouvir os outros: a beleza mora lá também. Comunhão é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam num contraponto.

Rubem Alves

Avisos Paroquiais | 19 a 26 de janeiro

19 | II Domingo do Tempo Comum

Encerramento da visita Pastoral e Celebração do sacramento da confirmação

20 | Reunião com a direção do agrupamento do agrupamento dos Escuteiros | 21:30

22 | Encontro com os MEC | 21:30

23 | Encontro com os leitores | 21:30

24 | Encontro com conselho económico | 21:30

25 | Festa da Palavra com as famílias do 2º ano de Catequese | 17:00

26 | III Domingo do Tempo Comum

Festa da Palavra do 4º ano de catequese na Eucaristia | 11:00

Jubileu dos leitores | Sé Catedral do Porto | 16:00